

RELATO DE EXPERIÊNCIA*

Dança e território: saberes afropindorâmicos na educação contemporânea

Luís Eduardo Souza e Silva¹

Resumo:

Esta proposta relata uma atividade pedagógica desenvolvida na Faculdade Angel Vianna (RJ), articulando dança, território e saberes afropindorâmicos em diálogo com a Aldeia Maracanã. Dividida em dois encontros, a ação buscou desconstruir narrativas únicas sobre corpos e histórias, promovendo a pluralidade dos saberes indígenas através de práticas artísticas. No primeiro momento, os estudantes refletiram sobre a invisibilidade de territórios indígenas em contextos urbanos, experimentando danças como linguagem de memória. No segundo, a participação de Urutau e Potira Guajajara trouxe vivências como o canto Zu’i (do livro Cantos e Encantos), revelando como a dança indígena é um ato político e cotidiano. Os resultados evidenciaram a transformação na percepção dos alunos. A experiência reforça o papel da arte na descolonização curricular e na valorização de epistemologias indígenas.

Palavras-chaves: Dança; Território; Escuta; Saberes afropindorâmicos.

Introdução - O desejo por saberes da terra

Antes de tudo, peço licença às energias que aqui se encontram, saúdo essa rede que se forma e aos saberes que se encontram neste diálogo. Este breve relato surge de uma partilha coletiva e experiência pedagógica desenvolvida na disciplina Corpo Urbano Contemporâneo, oferecida aos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Dança da Faculdade Angel Vianna no Rio de Janeiro, onde atuo como professor. A proposta, que articula saberes afropindorâmicos, território e educação, nasceu da necessidade de implantar os saberes indígenas aos conteúdos da disciplina e dar visibilidade a temáticas emergentes no contexto da presença indígena no contexto urbano. Esse desejo é potencializado pela minha pesquisa em andamento, que coloca em evidência minhas memórias enquanto pessoa em retomada Potiguara e do desejo de descolonizar o currículo das artes cênicas, com ênfase na dança.

Desenvolvimento - O poder das nossas histórias

¹ Doutorando em Artes da Cena pela UFRJ, Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF e Bacharel em Dança pela UFRJ. Professor dos cursos de graduação em dança da Faculdade Angel Vianna. Rio de Janeiro, RJ. E-mail: umluissilva@gmail.com. Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0757418920787399>.

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 5ª ED. 2025.

A atividade, dividida em dois encontros, teve como objetivo central problematizar narrativas únicas sobre corpos e histórias, trazendo a pluralidade dos saberes indígenas para o centro da reflexão artística. No primeiro momento, trabalhamos com os estudantes – em sua maioria não indígenas e oriundos de diversas regiões do estado do Rio – a relação entre dança e memória territorial, abraçando uma reflexão proposta pelo livro “O perigo de uma história única” da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que nos impulsiona a questionar se as histórias singulares que conhecemos sobre qualquer coisa, são de fato a realidade ou uma convenção construída por pessoas que não viveram essas histórias. A discussão revelou um dado alarmante: muitos desconheciam a existência da Aldeia Marakanã, única Aldeia em contexto urbano no estado do Rio de Janeiro, localizada ao lado de um dos mais famosos estádios do mundo, o Maracanã. Esse dado impulsionou o convite às licenças da aldeia para partilharem sobre suas lutas, memórias e culturas com os alunos da turma.

Ainda a partir da percepção de nossas histórias, nos colocamos em uma postura de perceber as histórias dos espaços que ocupamos e passamos diariamente e, através de exercícios práticos, investigamos como o corpo pode dançar histórias invisibilizadas, transformando o estudo de dança em espaço de ressignificação e partilha de memórias. Ailton Krenak (2024) diz que a arte tem um forte potencial de preservação das tradições e culturas indígenas. Essa é uma ferramenta crucial para a pedagogia contracolonial (Santos, 2023) que praticamos nesses encontros.

Figura 1: Registro do encontro com Urutau e Potira Guajajara.



Fonte: Autor, 2025.

O segundo encontro marcou um ponto de virada na experiência. Recebemos Urutau e Potira Guajajara, lideranças da Aldeia Maracanã, que compartilharam conosco diversos cantos da etnia Guajajara e do povo Marakanã, em especial aprendemos a dança e o canto Zu’i (sapo), registrado no livro “Cantos e Encantos” da Universidade Indígena Aldeia Marakanã. A dança circular, que imita o movimento dos sapos na lagoa, tornou-se uma metáfora poderosa do encontro entre as diferenças. Enquanto cantávamos em língua originária e girávamos em roda, os estudantes perceberam como a simplicidade do gesto carregava profundidade ancestral – uma pedagogia do corpo que desafiava hierarquias acadêmicas. Deixo abaixo o canto partilhado pelas lideranças:

uze’eg ô para
(o sapo fala na lagoa)
uze’egar ô para
(o sapo canta na lagoa)
Ó ó ó ó pó por
Hê hê a hê

Ó ó ó ó pó por
Hê hê a hêêêê
(letra do canto Zu’i)
Fonte: Autor, 2025.

Figura 2: Registro final do encontro com Urutau e Potira Guajajara.



Fonte: Autor, 2025.

Resultados

Os resultados superaram as expectativas. Em todas as atividades, tivemos momentos de escuta e partilha da experiência desenvolvida. A partir dessas breves rodas de conversa colhi depoimentos, memórias, impressões e pensamentos importantes para avaliar o processo dessas atividades.

Além do espanto inicial que exalava o questionamento: “como não conhecemos essa aldeia na nossa própria cidade?”, os alunos mergulharam em refletir sobre a presença indígena no estado do Rio de Janeiro e, com isso, continuam contribuindo com os trabalhos que estão sendo construídos a partir do olhar e escuta de seus territórios. A vivências com esses saberes contribuiu fortemente para o desenvolvimento das composições coreográficas dos trabalhos

finais da turma. O mais significativo foi ver a dança ser ressignificada: de técnica performática para prática de reexistência. Uma reflexão que fica muito aparente é entendermos que a dança pode ser um modo de não esquecer nossas histórias e raízes.

Considerações finais - Enraizando saberes

Esta experiência reforça a urgência de incluir vozes indígenas na educação, não apenas como "conteúdo isolado", mas como protagonistas do processo pedagógico. O encontro com os Guajajara não se encerrou naquela aula – abriu caminho para novas colaborações e mostrou que a universidade pode ser ponte, não muro. Seguimos em construção, agora com os alunos desenvolvendo trabalhos inspirados em territórios específicos, enquanto eu sigo aprendendo, entre Brasília e a Aldeia Maracanã, que educar é também escutar os cantos dos sapos na lagoa.

Referências Bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- KRENAK, Ailton; NAGAKURA, Hiromi. Kokoro | Coração. Conversa na rede, 2024. Disponível em: https://youtu.be/j_wBZgh6wcs?si=Nqmw1WaMrFIS9hNa. Acessado em: 4 de abril de 2025.
- KRIKATI, Potira; GUAJAJARA, Urutau. Cantos e Encantos. Rio de Janeiro: Aldeia Marakanã, 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial? Podcast Instituto Claro: Educação. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>. Acesso em: 12 de julho de 2024.